

INCLUSÃO: impacto familiar e social de crianças autistas

Liliane Nogueira Ataides

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: nogueiraataidesliliane@gmail.com)

Amanda Pires da Silva

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: amandaouroanago@gmail.com)

Fernanda Macedo Oliveira

Orientadora do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: Fernanda-macedo@outlook.com)

RESUMO

Com objetivo de analisar as famílias e os professores quanto à convivência da criança autista no ambiente familiar e escolar, ressaltando suas tarefas diárias, desenvolveu-se um estudo bibliográfico e campo, com pais e professores de apoio. O instrumento utilizado para coleta de informações foi uma entrevista semiestruturada que continha informações sobre a aceitabilidade da família, a visão do professor diante da criança com autismo, entre outros. Para assim entender como essas pessoas se envolvem no processo aprendizagem destas crianças. O estudo mostra como deve ocorrer a educação inclusiva na área educacional. Logo, com as informações coletadas, percebeu-se que ainda existe preconceito da sociedade em relação à inclusão, mesmo os professores das escolas regulares tratando todos com igualdade, ainda há professores que não veem desta maneira, o que dificulta o processo de inclusão. O maior desafio tanto para a família, quanto aos professores é fazer com que a sociedade em geral enxergue as crianças autistas com igualdade, para assim haver uma aprendizagem eficaz, mesmo que haja limitações, ambos devem tratar de modo igualitário, todos aqueles que se encontram envolvidos neste processo.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Aceitabilidade. Dificuldades.

INCLUSION: family and social impact of autistic children

ABSTRACT

With the objective of analyzing families and teachers regarding the coexistence of autistic children in the family and school environment, resuscitating their food tasks, developing a bibliographic and field study, with parents and supportive teachers. The instrument used to collect information was a semi-structured interview containing information about family acceptability, a teacher's view of the child with autism, among others. To understand how these people are at involved in the learning process of these children. The study shows how inclusive education in education should take place. Therefore, with the collected information, perceived and that there are still prejudices of society regarding inclusion, but even the teachers of regular schools treating all students with statistics, there are still teachers who do not see this way, or

that make the process of inclusion difficult. The biggest the challenge for the family, how much teachers make society in general see children with autism, so that learning is effective, even if there are restrictions, both must be treated equally, all those who are harmed participate in this process.

Keywords: Autism. Inclusion. Acceptability. Difficulties

INTRODUÇÃO

As crianças autistas possuem limitações, mesmo sendo consideradas pessoas normais. Logo, entender suas necessidades e suas limitações podem favorecer a família e o educador, no processo aprendizado. O desenvolvimento de todo ser humano possui seu tempo, o que não é diferente com o autista.

A preocupação que se tem na área familiar, social e educacional em relação às crianças autistas é que todos os indivíduos que convivem com as mesmas, não possuem capacitação necessária para lidar com suas diferenças. Por isso, é importante buscar informações para auxiliar os pais e professores quanto à sensibilidade deles nos distintos ambientes.

Oscuidados dos familiares e dos professores em atingir as expectativas de aprendizado e interação do mesmo no ambiente que está inserido são inúmeras, sendo este o maior desafio.

A atenção dos pais com as crianças autistas inicia-se com o diagnóstico, em que passam a vivenciar uma sensibilidade no ambiente familiar. Por isso, questionou-se neste estudo: Como acontece a aceitabilidade da família com o diagnóstico do autismo em seu filho? Quais as interpretações a família passa a ter com o diagnóstico de seu filho em relação à sociedade?

Essas questões surgem porque a maioria dos pais não estão preparados para a chegada de um filho com autismo. Mesmo antes da gravidez, os pais esperam e aguardam seu filho sem deficiência.

Ademais, na sociedade, a criança é vista como anormal, e no âmbito escolar, não são bem compreendidos. Com isso, passam a inferir que os professores não estão aptos e capacitados a assistirem a criança com deficiência, ou seja, não atendem as intervenções necessárias que devem ser adotadas na educação inclusiva, e em especial com crianças autistas.

Para buscar um entendimento mais detalhado referente a estas questões, desenvolveu-se uma entrevista com duas famílias que possuem crianças diagnosticadas com autismo, e também com professores regentes e de apoio, que fazem parte da vida das crianças em que os pais foram envolvidos no estudo. Para assim conhecer como lidam, no seu cotidiano, com as crianças com autismo, principalmente, para conhecer as estratégias utilizadas para prender atenção de seu filho.

Diante das abordagens, o estudo tem como objetivo analisar como os familiares e os professores lidam com a criança diagnosticada com o espectro autista, conhecidas tarefas diárias que são utilizadas por ambos, pais e professores, para facilitar o convívio, como também reconhecer os maiores desafios enfrentados pelos envolvidos no estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com a diversidade presente em nossa sociedade, é visível uma dificuldade e desafios em diferentes ambientes, principalmente, em lidar com as diferenças, independente de qual seja.

Para amenizar o preconceito e melhorar a qualidade daqueles que se apresentam na sociedade como diferentes, foram implantadas leis que asseguram qualquer pessoa a ter liberdade, independentemente de suas necessidades cotidianas. Entre as normas, tem-se a 'Inclusão', que se apresenta com o objetivo de incluir pessoas com deficiência na rede regular de ensino.

Uma pessoa com deficiência não é desejável em uma família e não há razões para se crer no contrário. Quase sempre causa sofrimento, desconforto, embaraço, lágrimas, confusão, tempo e dinheiro. Na maioria dos casos, os pais que recebem o diagnóstico de seus filhos como portadores de uma deficiência, simplesmente, têm um choque, pois a espera de seu filho é bastante diferente do esperado, ou seja, no ato da gravidez a mãe sempre espera por um filho sem nenhum tipo de limitações (BUSCAGLIA, 2006).

Para Buscaglia (2006, p. 127), os pais devem amar seus filhos como eles são, assim descreve:

Os pais devem ter orgulho de seus filhos, aceitando-os como eles são e não dando ouvidos às palavras e aos olhares daqueles que nada sabem. O seu filho tem um significado para você e para todas as crianças. Você encontrará uma alegria da qual não suspeita agora enquanto preenche a vida dele ao seu lado. Levante a cabeça e siga o caminho indicado.

A limitação de um filho autista não deve fazer com que os pais se sintam inferior, por ter um filho com deficiência. Eles devem primeiramente respeitar e ter orgulho de seus filhos, pois ter uma criança autista é um acontecimento repentino, mas os pais ficam sensibilizados porque cada filho tem um significado para eles. Saiba-se que os conflitos interpessoais e pessoais aparecem em todos os momentos de nossas vidas. Mas, no autismo ele tende a agravar em alguns momentos, principalmente na fase da adolescência.

Para ressaltar o quanto a adolescência deve ser observada pelos membros da família de um autista, Orrú (2009, p. 33), explica que:

Na adolescência, tendem a aumentar os conflitos pessoais e interpessoais na pessoa com autismo. É possível aparecerem novas complicações, como crises de epilepsia, acréscimo das estereotípias, problemas alimentares, ciclos depressivos, aumento da excitação e ansiedade.

Os pais que têm filhos autistas devem sempre manter um olhar atento sobre a criança, e, principalmente, na adolescência para que no decorrer do tempo não venha agravar os problemas com sua saúde.

Muitos são os conflitos que os pais e/ou familiares passam a viver em função do diagnóstico de autismo em um membro familiar. Para compreender melhor o que vem a ser autismo, Benini e Castanha (2012, s./p.) definiram como “uma palavra de origem grega (*autós*), que significa por si mesmo. É um termo usado dentro da psiquiatria para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo”.

O indivíduo autista altera-se a cada dia, o que confirma que suas limitações podem agravar desde a idade precoce à adulta, o que promoverá impacto no seu desenvolvimento. Para compreender está afirmativa Mello (2007, p. 16) explica que:

O autismo é considerado um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde a idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano, como as áreas de comunicação, interação social e aprendizado.

Complementando este entendimento, Grandin e Scariano (1999, p. 18) explica que “o autismo é um distúrbio de desenvolvimento. Uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida, fazendo a criança reagir alguns estímulos de maneira excessiva”.

Os autores explicam que o distúrbio estará presente em todo o processo de desenvolvimento do indivíduo autista, e com isso prejuízos serão identificados, principalmente em seu convívio familiar e social.

Outro entendimento é ressaltado por Cunha (2009), que resalta o autismo como um transtorno, em muitos casos, com prejuízos orgânicos, retardo mental, convulsões e doenças genéticas, comuns também em outras patologias, em que há muitas incertezas a seu respeito. Pode aparecer nos primeiros anos de vida, proveniente de causas genéticas ou por uma síndrome ocorrida durante o período do desenvolvimento da criança.

O autista é um indivíduo único, exclusivo enquanto pessoa. Embora tenha características peculiares no que se referem à síndrome, suas manifestações comportamentais diferenciam-se segundo seu nível linguístico e simbólico, quociente intelectual, temperamento, acentuação sintomática, histórico de vida, ambiente, condições clínicas, assim como todos os indivíduos (ORRÚ, 2009).

Todas as pessoas portadoras de deficiências têm direito à honestidade em relação a si mesma, ao outro e à sua condição. Ser desonesto com eles é o pior serviço que alguém pode lhes prestar. A honestidade constitui a única base sólida sobre a qual qualquer tipo de crescimento pode ocorrer. Os deficientes necessitam do que há de melhor, seja na família ou na escola.

O autismo infantil corresponde a quadro de extrema complexidade que exige que abordagens multidisciplinares sejam efetivadas visando-se não somente a questão educacional e da socialização, mas principalmente a questão médica e a tentativa de estabelecer etiologias e quadros clínicos bem definidos, passíveis de prognósticos precisos e abordagens terapêuticas eficazes. Com a maior acurácia das pesquisas clínicas, grande número de subsíndromes ligadas ao complexo “autismo” devem ser identificadas nos próximos anos, de forma que os conhecimentos sobre a área aumentem de modo significativo em um futuro próximo (ASSUMPÇÃO JÚNIOR; PIMENTEL, 2000, p. 30).

A pessoa com deficiência deve fazer parte de diferentes contextos. Muitos estudos sistêmicos referentes às pessoas com deficiência evidenciam a necessidade de trabalhos mais especializados no campo da terapia, da educação para que não

haja implicações quanto a dor e sofrimento daqueles que fazem parte da vida de uma criança com autismo.

A falta de informação clara, as generalidades interpretativas, a má informação. Além das constantes pressões sem alívio, a ausência de babás para um pouco de descanso, os crescentes problemas familiares. As preocupações com o dinheiro e as contas, as tensões acumuladas, as brigas. As incertezas, sentimentos confusos e assustadores, as frustrações normais de uma família e muitos outros fatores dificultam a aceitabilidade daqueles indivíduos que são considerados diferentes.

A sensação de inadequação ao ver seus filhos, a quem tanto amam, afastando-se cada vez mais do mundo “normal” que gostariam tanto de lhes dar. O que fazer? Vêm então as batalhas escolares. A admissão, rótulos nunca explicados, mais reavaliações! Pilhas de fichas a respeito de seus filhos em arquivos inacessíveis, envoltas em mistério. A ansiedade de não saber se será permitido à criança continuar na escola. Ameaças das autoridades escolares, claras ou implícitas. E as crianças, o que lhes acontecerá à medida que crescem? As preocupações com seus temores, seu isolamento, a crescente solidão, a confusão cada vez maior, as fantasias e frustrações sexuais, as dúvidas a respeito de seus sentimentos, o futuro, o amanhã (BUSCALIA, 2006, p. 14).

No texto acima, é perceptível que há negações quanto ao processo de aceitação dos familiares. O preconceito ainda é muito presente na sociedade, o que não difere dos próprios pais, que passam a enfrentar uma experiência nova e desafiadora.

A compreensão deste processo enfrentado pelos familiares em relação à criança autista são inúmeras, e, por isso, Petraglia (1993, p.20) afirma que:

A família não deve abrir mão de seu lazer, de seu bem-estar e de seus limites. O autista precisa ser tratado como um membro da família e não como um soberano, a quem é tudo permitido. Ninguém é culpado por ter um autista na família. Ninguém, portanto, precisa ser penalizado. Claro que existe o stress que o próprio convívio com um autista ocasiona, mas que pode ser atenuado, na medida em que a família consegue canalizar suas expectativas.

Outro entendimento em relação à família é descrito por Buscaglia (2006, p. 31) em que “o papel da família é o de encorajar a individualidade emergente da criança excepcional, permitir que ela faça suas próprias escolhas, que se manifeste e expresse seus sentimentos”.

A família, como ressalta os autores, deve ter um convívio normal com a criança autista, não deve mudar sua rotina, seu lazer para favorecer a criança com autismo.

O que precisam fazer é encorajar e possibilitar com que escolhas sejam feitas, para assim, ela expressar seus desejos.

Cunha (2009, p. 33) explica que a criança autista tem hábitos diferentes de se comportar, ou seja, é normal a criança autista sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, como por exemplo, na escola. “É normal buscar apoio nas coisas ou nos movimentos que a atraem, mantendo-se permanentemente concentrada neles, esquecendo de todo o resto”.

O professor de uma criança autista tem um desafio, porque elas não são atraídas facilmente. Neste sentido, o docente deve observar bastante para ajudar a criança a buscar estratégias para atraí-la nas tarefas escolares do dia a dia. Cunha (2009, p. 33) diz que: “em um primeiro momento, o professor deve observar quais objetos ou atividades o atraem mais, para usá-los nas tarefas. Detalhes que, muitas vezes, são desconsiderados por nós, exercem grande atração”.

O autor também acrescenta que para o aluno com autismo, a princípio, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição de habilidades sociais e de autonomia. Assim, a contribuição do educador é a de promover e dispor de uma série de condições educativas em um ambiente expressamente preparado. Os desafios são diversos, conforme já pontuado, mas devem ser discutidos na sociedade como um todo, as melhores estratégias para alcançar bons resultados.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de compreender como acontece a inclusão de pessoas autistas, o estudo foi subdividido em dois momentos, sendo que no primeiro momento foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, em que se utilizou de diferentes artigos disponibilizados ou não na internet.

Conforme Lakatos e Marconi (2001) o estudo bibliográfico é considerado um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa mais do que apenas procurar a verdade, é um momento em que se encontram respostas para as questões propostas. Especificamente, é um procedimento flexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento.

No segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo, em uma Escola Municipal de Educação Infantil, situada no município de Rio Verde-GO, no Sudoeste Goiano, com duas famílias (mãe e/ou pai), que possuem um membro da família com autismo e professores que atendem as respectivas crianças autistas em sala de aula.

As seleções das famílias ocorreram com o auxílio da gestora da escola, que encaminhou aos profissionais (coordenadora) que atendem os alunos e professores da instituição de ensino, sendo que o contato com os envolvidos no estudo foi realizado pelas pesquisadoras, acompanhadas da coordenadora.

No momento do contato, foram esclarecidas aos participantes as condições da pesquisa, como também os seus objetivos. Após essa explicação foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para assim poderem fazer parte da pesquisa.

Como pode ser verificado o estudo possui característica qualitativa, em que envolveram duas famílias que possuem um membro autista. A pesquisa qualitativa tem como objeto compreender, de modo particular, o que está sendo estudando (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Na pesquisa optou-se pela entrevista por se mostrar uma ferramenta útil no trabalho de compreensão da realidade dos sujeitos envolvidos no estudo. A entrevista foi semiestruturada, para ser utilizada em dois momentos. A primeira entrevista foi direcionada à família, a qual continha 13 questões estruturadas, e, a segunda entrevista foi aplicada aos professores, contendo 12 questões.

As perguntas realizadas foram abertas, em uma ordem determinada pelas pesquisadoras de modo cronológico, que ocorreu no dia 17 de outubro do ano de 2019, com os pais e no dia 18 de outubro de 2019 com as professoras, as quais foram gravadas e transcritas com o objetivo de preservar a veracidade das respostas.

O intuito do estudo foi obter respostas que auxiliassem nos relacionamentos das crianças diagnosticadas com autismo e a vivência destes no contexto familiar e escolar, como também identificar o trabalho que os professores desenvolvem com esses alunos. Dentro desta identificação, foram utilizados os seguintes termos Professor “E” e Professor “S”. A escolha das participantes se deu pela indicação da Diretora, sendo em data posterior, efetuada individualmente as entrevistas.

Com as informações obtidas na pesquisa avaliou-se por meio do método de análise de conteúdo, pois de acordo com Cervo e Bervian(2002) depois de coletados os dados, estes devem ser expostos de forma sintética, para serem submetidos ou

não, conforme o caso, a novos esclarecimentos. Todas as informações obtidas foram comparadas e interpretadas conforme as respostas obtidas na pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Entrevista com os pais

Ao desenvolver a entrevista com os pais e para perceber como estes lidam no seu dia a dia com a criança diagnosticada com autismo, e como vem sendo trabalhado com as mesmas, em suas atividades diárias no ambiente familiar, foi percebido no início da entrevista quando questionado aos pais quanto a sua reação ao receber o diagnóstico de seu filho autista e se o mesmo seria o seu único filho, ou se eles teriam mais filhos, obteve-se a seguinte resposta:

Pai (A). *“Tenho somente ele de filho, não foi fácil receber o diagnóstico, passamos por um momento de muita tristeza e dor”.*

Pai (B). *“Aurora¹ é filha única. Sensação de incerteza, tristeza e insegurança”.*

O sentimento dos pais, referente ao diagnóstico da criança foi para ambos os pais um momento de tristeza, dor e insegurança, em que os genitores ao se depararem com o novo, principalmente com um diagnóstico que não possuem conhecimento. Buscaglia (2006, p. 20) explica que esse tipo de situação ocasionará sofrimento, desconforto, lágrimas, confusão e muito tempo e dinheiro”.

Os pais foram indagados quanto a idade do filho quando descobriram que ele era portador do autismo, e quantos anos eles têm atualmente, os quais destacaram:

Pai (A). *Hoje ele tem 6 anos. Recebemos o diagnóstico quando ele tinha acabado de completar 5 anos.*

Pai (B). *Está com 6 anos, diagnóstico com 4 anos.*

Para ambos os pais, o diagnóstico do filho com autismo foi com idades próximas, no qual um destes tem somente um ano que descobriram e o outro, dois anos. Mello (2007) diz que as alterações são percebidas em idade precoce.

¹ Nome fictício da criança.

Como é difícil identificar se seu filho tem algum tipo de limitação, foi pedido para os pais A e B que relatassem como eles identificaram que seu filho possuía comportamentos de um autista.

Pai (A). Ele já apresentava dificuldade motora e atraso na fala, mas comecei a me preocupar quando ele começou com algumas estereotípias, como se morder até ferir e continua se mordendo, tapar os ouvidos quando ouvia barulhos e puxar muito as orelhas.

Pai (B). A partir dos 2 anos, falta de interesse, não falar, comportamento inapropriado.

O comportamento identificado pelos pais, como dificuldade motora e atraso na fala, como também agressividade, foram relevantes para que eles pudessem buscar um diagnóstico do seu filho, sendo que as características apresentadas estão em conformidade com os estudos de Mello (2007), que caracteriza as alterações no comportamento da criança com autismo, principalmente na comunicação, aprendizado e socialização.

Quanto ao acompanhamento do filho por um médico, foi perguntado aos pais, se eles recebem algum outro profissional, para ajudar em seu comportamento em casa e na escola.

Pai (A). Ele faz fonoaudiologia, terapia ocupacional, musicoterapia, é atendido por uma psicopedagoga, equoterapia e AEE.

Pai(B). Sim, psicóloga, fonoaudiologia e equoterapia.

Com as respostas dos pais foi constatado que estes preocupam com os filhos e levam-nos a terem acompanhamento com outros profissionais da saúde, o que evidencia a preocupação com o desenvolvimento de seus filhos autistas.

Ao direcionar o questionamento quanto a vivência da mãe e/ou pai com alguma situação desconfortável com seu filho autista em diferentes ambientes, estes disseram que:

Pai (A). Muito, principalmente olhares e comentários desagradáveis.

Pai (B). Sim, na aula de balé, o som a incomodava e a professora não soube lidar com a situação e a deixou chorando sozinha, foi muito triste e desconfortável, pois todos pararam o que faziam para observar a situação.

O desconforto com a criança autista foi apresentado pelos pais, tanto em relação aos olhares desagradáveis, quanto a falta de despreparo de professores que tomam atitudes embaraçosas que acabam gerando situações desgastantes para os pais, quanto para as crianças autistas.

Logo, pode-se perceber que não é fácil ser mãe de um autista, e ter que vivenciar diferentes situações ao lado deles, qual a melhor forma de enfrentar o diagnóstico é aceitá-lo, sendo esta a parte mais importante da aceitação, que é aprender a conviver com a criança autista.

Pai(A). É um desafio, uma tarefa difícil, lidar com tudo o que o autismo traz, é viver insegura muitas vezes triste por não saber como será no futuro, muito frustrada por não conseguir pagar um bom tratamento.

Pai(B). Uma experiência sobre uma realidade cheia de surpresas, um pouco cansativa, mas sentimos muito felizes com o avanço.

É um grande desafio para os pais, a realidade que a criança com autismo traz, porque ela pode expressar vários tipos de sentimentos e inseguranças.

Ao incluir a criança autista na escola, os profissionais de apoio devem trabalhar com eles da melhor maneira, pois podem acontecer situações que eles apresentem dificuldades, e podem fazer com que essa limitação seja um obstáculo, por isso, os pais devem sempre estar atentos:

Pai(A). Sim, muitas vezes já percebi em vídeos e fotos que ele tem uma certa dificuldade de se integrar, muitas vezes já o vi no canto sentado enquanto os outros participam.

Pai(B). Dificuldade de concentração e interesse por algumas atividades, socialização.

Todos os autistas são diferentes, alguns tem dificuldade de concentração, outros são nervosos. Para cada tipo de sintomas apresentados pela criança com autismo é um tipo de tratamento. Por isso, os pais devem fazer acompanhamento com especialistas para melhorar sua convivência nos diferentes ambientes, para assim melhorar seu desenvolvimento na escola e em casa.

É por meio da vivência, ou seja, a prática que se pode dizer que os pais aprendem como lidar com seus filhos, pois antes mesmo do diagnóstico é difícil saber como vai ser, e qual a melhor maneira de agir com as crianças com autismo.

Pai(A). *Hoje eu aprendi a lidar com ele, um ambiente harmônico faz a diferença, procuro manter assim, hoje eu sei que o comportamento dele vai muito do ambiente que ele está, procuro sempre falar calmamente e em voz baixa, isso ajuda manter ele calmo.*

Pai(B). *Aurora é uma criança calma, tivemos que mudar algumas atitudes com ela, e rotina.*

Toda criança precisa de um ambiente harmônico, principalmente se a criança for autista, um ambiente que ajude eles a melhorarem seu comportamento.

O relacionamento da maioria das famílias é muito difícil, então foi perguntado como todos os componentes da família lidam com a criança autista, e eles disseram que:

Pai(A). *Muitos olhares, principalmente quando ele tinha muitas crises nervosas, hoje com as terapias e medicação elas diminuíram. Mas já me incomodei muito, principalmente no meio familiar.*

Pai(B). *Já teve muitos comentários sim, no shopping ocorreu duas vezes, mas não me incomoda.*

A questão acima enfatiza o relacionamento no ambiente familiar e, percebe-se que a criança incomodava as pessoas ao seu redor, principalmente com as crises. Foi percebido, também, que o desconforto ocorria nos ambientes sociais frequentados pelos pais, os quais ressaltaram que, na atualidade, esses fatores não os incomodam mais.

4.2 Entrevista com os professores

Na entrevista com os professores de apoio, que auxiliam os alunos com o TEA (Transtorno do Espectro Autista), foi questionado, em um primeiro momento o convívio diário com as referidas crianças dentro de sala de aula, como também o seu envolvimento, suas abordagens que devem ser aprimoradas no dia a dia.

No primeiro momento da entrevista foi questionado a faixa etária das duas professoras de apoio, que disseram ter entre 26 e 40 anos. Em sequência questionou-se como a escola deve acolher os alunos que tem autismo, e elas expressaram que:

Professor (E) - *Deve acolher com atenção, carinho, respeito e sentimento de igualdade.*

Professor (S) - *Da mesma maneira que acolhi todos com carinho, ou seja, auxiliando em sua socialização, se é inclusão deve tratar igual aos outros e não diferente.*

Os professores retratam que o tratamento das crianças autistas deve ocorrer de modo carinhoso, com respeito e igualdade, para que todos sejam inclusos sem preconceito, e que tratam todos iguais, sem diferenças. Para Nascimento, Nascimento e Santos (2017), a escola é ambiente que deve promover a socialização, estimulando sua interação com o grupo.

Todo aluno portador de autismo tem direito a uma professora de apoio, para ajudar nas atividades e na rotina cotidiana escolar. Neste sentido, foi perguntado se a gestão da escola garante a inclusão desses alunos autistas, e os professores pontuaram que:

Professor (E) - *Acompanhamento de todos os planos de aula para ver se as atividades atendem os mesmos, conscientização dos alunos e pais sobre a inclusão.*

Professor (S) - *Tratar todos da mesma maneira com atenção, auxiliando quando necessário para um melhor desenvolvimento da criança na escola.*

As professoras ressaltaram que a inclusão é garantida pela gestão da escola, por meio do acompanhamento do planejamento, verificando as atividades, e se estas as atendem conforme sua deficiência, como também conscientizando os pais da importância da inclusão no ambiente escolar. Para complementar a fala das professoras, Cunha (2009) enfatiza que as atividades no ambiente de sala de aula devem estar associadas à memória, concentração e equilíbrio, socialização, organização do pensamento e da linguagem, entre outros.

A sociedade é preconceituosa, e muitas vezes o diferente é algo que chama muita atenção, e, que às vezes não é visto de forma que precisasse ser visto. Com visão de cidadã e professora, a mesma foi questionada como elas acham que a sociedade enxerga as crianças com autismo, e como a sociedade aceita essas crianças? Elas retrataram que:

Professor (E) - *A sociedade ainda é preconceituosa, pois ainda há resistência por parte dos pais e da sociedade para aceitar o processo da inclusão.*

Professor (S) - *A maioria das pessoas ainda rotulam os autistas como doidos ou que não são normais. Sendo difícil a aceitação. Entretanto, na atualidade, devido às campanhas e um aumento dessas crianças, tem melhorado essa aceitação, quando o grau é leve.*

As professoras enfatizaram que a sociedade ainda se mostra preconceituosa com a inclusão, e que existe uma resistência da sociedade, como também dos próprios pais em aceitar, mas que estão mudando em função das campanhas e o aumento dessas crianças. No ambiente escolar tem-se observado uma leve aceitabilidade, mas quando o grau da doença é leve. Abrantes (2010) enfatiza que a inclusão possui muitas barreiras, porém com o aumento de indivíduos especiais nas escolas regulares, a tendência será aceitar e entender essa realidade nas escolas.

Segundo os relatos a aprendizagem favorece a criança autista. Com isso, foi perguntado como elas conduzem o aprendizado das crianças autistas e como professoras o que elas poderiam favorecer mais a elas?

Professor (E) - *Oferecendo atividades diversificadas de acordo com as suas necessidades e limitações.*

Professor (S) - *Sempre com materiais concretos como jogos, músicas e brincadeiras, que auxiliam na socialização e interação do mesmo com o meio.*

As professoras de apoio ressaltam que conduzem diferentes tarefas e que as auxiliam conforme suas necessidades e limitações. Lemos et al. (2016) consideram que aqueles pais, que acompanham o desenvolvimento de seus filhos, e professores, por meio do contato com crianças autistas, obtêm expectativas mais positivas em relação a estas crianças.

Ao indagar as professoras como elas veem a criança autista, difícil, anormal, disseram que:

Professor (E) - *Percebemos e vemos um ser capaz de aprender, respeitando suas limitações.*

Professor (S) - *Normal, as crianças que trabalham têm muita capacidade e comprovam isso todos os dias com o resultado de sua aprendizagem.*

As professoras veem seus alunos autistas como crianças que são capazes de aprender, que possuem aptidão para obter o aprendizado. Nascimento, Nascimento e

Santos (2019) explicam que a criança autista aprende por meio de uma rotina e que o uso de recursos didáticos contribui para o desenvolvimento da criança autista.

Os professores foram questionados quanto às estratégias e/ou atividades que utilizam para que a criança autista desenvolva, e ao desenvolvê-la o que as professoras percebem nas crianças, se há interesse, ou não? Também foi questionado se costumam chamar a atenção delas para o envolvimento de atividades diárias no ambiente de sala de aula, e se elas atendem as intervenções, as quais ressaltaram que:

Professor (E) - Eu procuro trabalhar com igualdade com todas as crianças e se precisar chamar a sua atenção, irei chamar, sim, e quanto a sua dificuldade em resolver, irei usar estratégias para que ela possa alcançar sua aprendizagem e conseguir realizar suas atividades propostas. Porém, quando tratar de uma atividade que necessite adequar, eu adapto.

Professor (S) - Tenho 3 alunos autistas e dois sempre frequentaram a escola. Somente um que não, pois ele tem um pouco mais de dificuldade, sendo um pouco mais complicado sua compreensão, pois tem outras síndromes, e esquece rapidamente o que foi repassado.

De tal modo, como ressaltado, as crianças autistas são tratadas como as demais e quando apresentam dificuldades, buscam estratégias para promover a aprendizagem. Nos estudos de Lemos et al. (2016) enfatizam que “estratégias devem ser utilizadas para favorecer a inclusão das crianças autistas”.

Questionou-se as professoras quanto o seu envolvimento com a criança autista, como também o que pode ser aprimorado no ambiente escolar para atender a inclusão com sucesso, as quais disseram que:

Professor (E) - A infraestrutura da escola precisa se adequar à acessibilidade do aluno.

Professor (S) - Minha experiência é sempre tratar todos iguais, quando você demonstra com exemplo que não há diferenças, as outras crianças fazem igual.

Uma das professoras ressaltou que é importante ter estrutura adequada para as crianças terem acessibilidade ao prédio, e que o tratamento de todos deve ser de modo igual. O fato é que o tratamento junto aos autistas deve ocorrer como são tratados os demais. A maneira de tratar pode enfatizar diferenças, por isso devem ser tratadas de maneira igualitária. Essa tratativa dos professores confirma o

entendimento de Lemos et al. (2016) quanto ao estigma do autismo, que ao rotulá-las podem interferir nas ações a elas dirigidas; e que ao serem inseridas nas escolas regulares, passam a ter oportunidades educativas assim como as demais, e com isso passam a demonstrar suas habilidades, como também fazem com que os profissionais redimensionem suas concepções e práticas no ambiente escolar.

CONCLUSÃO

Ao dimensionar como os familiares e os professores lidam com a criança autista, foi percebido que os pais tiveram sentimento de tristeza, dor e insegurança ao terem o diagnóstico dos filhos, principalmente por não terem conhecimento, e que a descoberta ocorreu na idade entre 5 e 6 anos. Os pais só buscaram ajuda por identificarem características diferentes como “dificuldade motora e atraso na fala, se morder até ferir, tapar os ouvidos quando ouvia barulhos e puxar muito as orelhas”, essa preocupação fizeram buscar ajuda com especialistas. O desconforto em relação aos ambientes que frequentam, são vários, os pais, vivenciam olhares desagradáveis. Quanto ao despreparo de alguns professores como descrito no episódio da aula de balé, que adotam atitudes que tornam o ambiente desconfortável, tanto para os pais, quanto para os demais alunos são situações disfóricas.

Entretanto, os pais promovem rotina fixa normal para as crianças autistas, com cuidados com especialistas, para que haja uma interação mais tranquila e melhora no desenvolvimento cognitivo destas. Na escola regular os pais não tiveram nenhum tipo de problema, até porque para eles, seu filho é tratado com respeito por todos no ambiente. Os pais também deixam claro que as pessoas da família incomodam-se com as crises, e que hoje essas situações não alteram seus sentimentos.

Os professores que participaram do estudo foram pontuais quanto ao tratamento das crianças autistas, pois esses devem ocorrer de maneira carinhosa, com respeito e igualdade, para assim acontecer uma inclusão em que todos sejam tratados de modo igual, sem rótulos. O comportamento das crianças autistas foi especificado como agressivos, de isolamento e falta de interação, o que reforça a relevância do professor de apoio em sala de aula. A inclusão na escola que estão inseridas acontece com o apoio da gestão escolar, em que promovem acompanhamento com o planejamento, observando as atividades, e auxiliando os pais da importância da inclusão para seu filho com autismo. O maior desafio para as

professoras ainda está relacionado ao preconceito, e a sociedade se mostra resistente à inclusão. Na prática pedagógica as professoras promovem tarefas que estão em conformidade com suas limitações, e que utilizam de materiais concretos, para desenvolver sua interação com o grupo. As professoras possuem bom relacionamento com os pais das crianças autistas e trocam informações para acompanhar a evolução da criança em sala de aula. As professoras veem seus alunos autistas como crianças que possuem capacidade de aprender, e que ter paciência, promove controle, e as crianças autistas são diferentes, assim como todos os indivíduos. A escola auxilia os professores na execução das tarefas, e que sua execução deve ocorrer no mesmo momento das demais, e que é importante uma estrutura adequada, principalmente, quanto a acessibilidade ao prédio.

Em ambos posicionamento, pais e professores, evidenciam que os tratamentos das crianças autistas devem ser iguais, e que ambos devem caminhar juntos no processo aprendizado das mesmas. A participação de ambos garante o sucesso da inclusão.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Valmira de Fátima Rigo. **Inclusão de pessoas com limitações motoras e de pessoas com síndrome de down, no ensino regular**. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) - UniEvangélica, Anapólis, 2010.

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo Infantil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22, n. 2, p. 37-39, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3795.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

BENINI, Viviane; CASTANHA, André Paulo. **Incluir e Ensinar: os desafios e possibilidades na inclusão da pessoa com autismo na escola comum**. 2012. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde2012/arquivoas/6042827-132.pdf?PHPSESSID=ba130048f4d55a0968c06e1f21eeb908>>. Acesso em: 23 out. 2019.

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margaret M. **Uma menina estranha**: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia. das letras, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias et al. Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 351-361, set./dez. 2016.

MELLO, Ana Maria S. **Ros de. Autismo**: guia prático. 6. ed. Brasília: Corde, 2007.

NASCIMENTO, Maria Andreza do; NASCIMENTO, Antonio Anderson Brito do; SANTOS, MariluzeRiani Diniz dos. **Autismo e o trabalho docente**: reflexões sobre os desafios encontrados para a inclusão de um autista na educação infantil. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7403>>. Acesso em: 23 out. 2019.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

PETRAGLIA, Isabel Cristina. **Interdisciplinaridade**: o cultivo do professor. São Paulo: EDUSP, 1993.